

# ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO MANUAL DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DA 6ª CLASSE DE ANGOLA: UMA ANÁLISE DA VARIEDADE DO PORTUGUÊS ANGOLANO

Victor José Gumba Quibutamene<sup>1</sup>

Gislene Lima Carvalho<sup>2</sup>

**Resumo:** A variação linguística ainda é um tema pouco explorado no livro didático de ensino da língua portuguesa em Angola. Neste trabalho, abordamos o estudo da variação linguística, na perspectiva da Sociolinguística, com o propósito de analisar a presença das variações no manual didático de Língua Portuguesa da sexta classe de Angola. A pesquisa tem uma abordagem qualitativa e foi desenvolvida por meio de procedimentos bibliográficos e documental, com a análise e descrição dos dados levantados no manual didático. A discussão teórica baseia-se em autores como Bagno (2007), Zau (2011) e Timbane (2014), no que se refere à variação e Carvalho (2011) e Bandeira (2018), no que se refere aos livros didáticos. Observamos em nossa pesquisa que as variações são apresentadas em listas de palavras, principalmente a variação lexical. Nos textos analisados, as palavras estão relacionadas à variedade do português angolano, sem informações precisas de sua origem. A presença de variação nas palavras/expressões encontradas no livro dá-nos a entender da sua existência possibilitando um olhar crítico para o modo como são apresentadas e abordadas no material didático.

**Palavras-chave:** Variação linguística. Língua Portuguesa. Variedade Angolana do Português. Livro didático.

**Abstract:** Linguistic variation is still a little explored theme in textbooks and Portuguese language teaching in Angola. In this paper, we address the study of linguistic variation, from the perspective of sociolinguistics, with the purpose of analyzing the presence and approach of this variation in the sixth grade Portuguese language textbook of Angola. The research has a qualitative approach and was developed through bibliographic and documental procedures, with the analysis and description of the data raised in the textbook. The theoretical discussion is based on authors such as Bagno (2007), Zau (2011), Timbane (2014), regarding variation and Carvalho (2011) and Bandeira (2018), regarding textbooks. As results, we can see that the variations are presented in word lists, mainly the lexical variation. In the various texts analysed, the words are related to the variety of Angolan Portuguese, without precise information of their origin. The presence of these elements of variation in the book gives us the understanding that they exist and enables us to take a critical look at the way they are addressed, (re)thinking, thus, in contents that contextualize the linguistic reality of the country, in order to be gradually included in the Portuguese language textbook.

**Keywords:** Linguistic Variation. Portuguese language. Angolan variety of Portuguese. Textbook.

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). E-mail: victorkibutamena2@gmail.com

<sup>2</sup> Orientadora. Professora do Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). E-mail: gislenecarvalho@unilab.edu.br

**Kisokesu:** O kudiwanganuna kwa dizwi ditona mu ixi ya Angola kyadibwatela mu mabukhu ma xikola ni kkyabetakota kulonga o dizwi dya. Mu kusalu kiki, twabwate kyabetakota kudiwanganuna kwa dizwi, mu kuxinganeka kwa Sociolinguística, ni yendelu ya kubanza o ukexinu e kibwatelu kya kudiwanganuna kwa dibukha dya xikola mu thama ya samanu mu dibukhu dya dizwi dya phutu mu ixi ya Angola. O kutesa kwabetakota ku ukexinu wa yuka, yu twabangela kutanga o mabukhu ni mikanda, kubanza ni kusangula yoso twasange mu dibukhu dya thama ya samanu. O kibwatu kyatokala kwa BAGNO (2007), ZAU (2011) e TIMBANE (2014) kyatokala kudiwanganuna ni CARVALHO (2011) ni BANDEIRA (2018), kyatokala ku mabukhu ma kulongela. O mitomo, tutena kusanga o kwila o kudiwanganuna kwatena kwidika mu kibukha kya maba, benge benge kyatokala ku kudiwanganuna kwa maba. Mabukhu ni mikanda yoso twatange, maba oso atokala mu kudiwanganuna kwa dizwi dya phutu mu ixi ya Angola, mbidi mwene kitwasange kwakambe o matangelu atokala ku dijinguninu dyawu. O kudiwanganuna kuku mu dibukhu kutulombolwesa o kwila kwala ni kututenesa o kubanza kyatokala kyene kwabwata, mu kubanza, kiki, ima imonekesa o kidi kya ixi, phala ku pholo kuyisoneka mu dibukhu dya dizwi dya phutu.

**Maba a xabi** – kudiwanganuna kwa dizwi. Dizwi dya phutu. Kiwangu kya phutu ya Angola. Dibukhu dya kulongela.

## 1. INTRODUÇÃO

A variação linguística é um fenômeno sociolinguístico que afeta todas as línguas naturais existentes no mundo, e a língua portuguesa não é exceção. A variedade do português angolano convive em seu espaço geográfico com as línguas nativas/étnicas nas várias regiões do país, que tem uma grande influência sobre ela no dia a dia, Zau (2011).

Olhando para esse aspecto, a nossa proposta temática está voltada para a variação linguística no livro didático, observando de maneira crítica esse fenômeno, a sua presença no material de ensino com ênfase nos elementos do vocabulário da variedade angolana e a maneira como são apresentadas e abordadas dentro do livro.

A produção deste trabalho se justifica pela necessidade urgente de se discutir cada vez mais acerca do modo como as variações linguísticas aparecem no livro didático, como são abordadas e até que ponto contribuem para a aprendizagem do aluno, considerando as características próprias do português de Angola.

Acreditamos ser importante porque poderá trazer um novo olhar sobre a questão central: como se dá a abordagem da variação linguística no livro didático de Língua Portuguesa da sexta classe usado em Angola? Esta questão levantada é fundamental para auxiliar a repensar acerca da sua apresentação, abordagem e dos conteúdos a introduzir no material durante a sua planificação e elaboração. Além da preocupação de se olhar para a variedade angolana e considerá-la uma variedade melhor com suas especificidades, podendo estar presente no livro para seu reconhecimento, valorização e para que cada aluno a conheça,

sendo trabalhada em sala de aula, os elementos que fazem parte dela. Por conseguinte, temos a preocupação de discorrer a respeito da variação linguística no manual de Língua Portuguesa da sexta classe usado em Angola (sexto ano no Brasil).

Este trabalho está organizado da seguinte forma: no primeiro momento, temos a introdução; em seguida, a discussão teórica nos tópicos intitulados “Material Didático, Variação Linguística e Ensino de Português em Angola” e “O livro didático de Língua Portuguesa no contexto multilíngue” e “A variação linguística - O ensino da variação da Língua Portuguesa nas escolas de Angola: sua realidade atual”. Em seguida, apresentamos os procedimentos metodológicos e, no tópico 4, trazemos a análise dos dados acerca da presença da variação linguística no manual didático de Língua Portuguesa da sexta classe de Angola. Por fim, temos as considerações finais e as referências.

## **2. MATERIAL DIDÁTICO, VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO DE PORTUGUÊS EM ANGOLA**

### **2.1 O livro didático de Língua Portuguesa no contexto multilíngue**

O manual didático tem sido um material importante tanto dentro da sala de aula para o processo de ensino-aprendizagem da língua, como fora dela. Ele tanto acompanha o dia a dia do(a) professor(a) e auxilia na preparação de suas aulas tendo por base os conteúdos nele contidos, como permite o discente estar em contato com temáticas que podem contribuir amplamente para um melhor conhecimento da língua nos diversos elementos que a constituem, que sejam capazes de usar em qualquer contexto. Para Lussevicieno (2015), o livro didático é um guia essencial para o ensino por ser um material que apresenta conteúdos necessários para a prática do docente e aprendizagem do aluno que vai acompanhar os saberes presentes no livro.

O livro vem carregado de um viés ideológico e político que direciona toda construção do material de ensino. Para Bandeira (2018), esse viés vem do lugar em que é produzido e elaborado o material.

No caso dos países da CPLP, muitas vezes, esse material é produzido fora do país por especialistas com alguma formação na área, mas que muitos desconhecem ou apresentam pouco conhecimento acerca da realidade linguística e de ensino do país em que o livro vai ser utilizado. Por isso, acabam falhando na não contemplação do contexto linguístico desse território, já que a produção e sua construção são baseadas em suas realidades como da língua padrão.

Muitas vezes essa visão se distancia da realidade do país influenciando negativamente no processo de ensino e formação do aluno, que é pautado no ensino da língua padrão de uma variedade que a escola dá maior prestígio. Um material desse não explora outras variedades, deixando o professor em alguns casos limitado, e essa limitação pode ser levada para sua prática pedagógica, o que acaba criando dificuldades para os alunos. Temos um exemplo específico dessa situação, quando a autora Bandeira (2018), em seu estudo sobre os materiais de São Tomé e Príncipe, observou o seguinte:

Constatou-se que, em São Tomé e Príncipe, a escola se preocupa em tornar o aluno hábil no uso da variedade padrão do português europeu, ignorando, assim, as vivências culturais e linguísticas destes. Essa perspectiva de ensino deita por terra a ideia de aproximação das variedades do português pelo mundo e faz perpetuar a antiga situação da língua, em que esta estava dividida em dois grandes blocos: português europeu e português brasileiro, em que os países africanos acompanhavam o primeiro bloco. (BANDEIRA, 2018. p. 20)

A realidade angolana não difere muito da situação acima mencionada pela pesquisadora sobre o tipo de ensino que não dá a devida atenção ao cenário cultural e linguístico do aluno, além de ser focado com alguma frequência no estudo da gramática, que é fruto de um material alheio ao contexto local do país, pois conforme realça Bernardo (2017) “o ensino da língua em Angola baseado no normativíssimo, fixado à gramática tradicional do PE, não espelha a realidade linguística angolana”.

Dá-se muita ênfase nos manuais, nas aulas de Língua Portuguesa sobre a realidade linguística do português europeu, da língua padrão, desconsiderando a variedade usada em território nacional, que apresenta suas próprias características que a difere da portuguesa e de qualquer outra variedade, visto que a variedade angolana convive com línguas étnicas dentro do território nacional que a transformaram numa variedade única; por isso, é preciso circular no espaço escolar um manual adequado que engloba essa realidade para possibilitar que o aluno se aproprie de um ensino mais contextualizado.

E ainda na senda dessa questão é urgente e necessária a nossa preocupação na mudança desse ensino tradicional e de um ensino de língua que toma como base a língua padrão, adotando um único modelo de ensino e uma prática fechada que promove poucas discussões ou quase nenhuma. Corroboramos com a ideia de que a mudança dessa práxis proporciona grande diferença na vida desses alunos e no modelo de educação do país. Para tal, Lussevícueno (2015), afirma que:

O modelo de educação angolano precisa desprender-se do ensino tradicional, do conhecimento corrente de uma só direção, do professor para o aluno, para centrar-se em modelos capazes de atingir ou multiplicar direções e com vários focos de

conhecimento. Esta mudança de práxis faria diferença nesse mundo em constantes mudanças (LUSSEVICUENO, 2015. p. 44)

O livro didático é fundamental no processo de ensino-aprendizagem, tanto para o(a) professor(a), como para o(a) aluno(a), porque para o primeiro, ele auxilia na organização do conteúdo a ser levado para a sala de aula, enquanto para o segundo contribui bastante para o seu estudo e para acompanhar a discussão durante a aula. O manual didático continua tão presente em sala de aula e pela sua importância foi preciso que pensassem em políticas, leis e programas que regulam sua escolha e seu uso no ensino do país (CARVALHO, 2011).

O Brasil aprovou leis que determinam o uso do livro didático desde 1929 com a criação do Instituto Nacional do Livro, em seguida veio a Comissão Nacional do Livro, em 1938, que procurou se responsabilizar pelas leis de produção e distribuição do livro à nível nacional. Essa proposta foi ampliada para um programa maior, a partir de 1985, conhecido como PNLD - Programa Nacional do Livro Didático - que levou manuais para as várias escolas públicas existentes no país.

Essas políticas de produção e distribuição do livro didático demonstra a preocupação que se tem com o ensino na necessidade de se pensar num material didático que seja didático, contextual e representativo quer do ponto de vista linguístico como cultural.

Relativamente à situação de Angola sobre um programa nacional do livro, pudemos destacar o INIDE – Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento da Educação, estatuto que tem respaldo legal nos termos da alínea d) do artigo 120.º e do n.º 3 do artigo 125.º, pertencentes a Constituição da República de Angola:

“Tem por escopo estudar e acompanhar o desenvolvimento do sistema de educação, proceder à avaliação das aprendizagens, elaborar os currículos e materiais afins e propor medidas de políticas susceptíveis de produzir inovações e garantir a qualidade do ensino nos níveis primário e secundário”. (INIDE, 2014)

O manual em análise faz parte das elaborações e atualizações recentes com participação do Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento da Educação, com propósito de melhorar a qualidade dos materiais e conseqüentemente do ensino.

Levando em conta a nossa proposta de análise da variação linguística no livro de Língua Portuguesa angolano, decidimos usar o manual da sexta classe para a pesquisa desse fenômeno e verificar como ele é descrito ou aparece nas várias etapas e capítulos do material de ensino usado em todas as escolas do Estado (escolas públicas).

É importante que o material didático se adeque também a realidade linguística do país, levando em conta suas variações nos mais variados aspectos da língua e de suas regiões. Ele precisa ser um manual que ajude o(a) professor(a) a trabalhar suas variantes de modo a ampliar o saber do aluno sobre a língua, seu uso e o respeito que deve ter pelos colegas e por outras pessoas que apresentam variação nas suas falas, possibilitando que diminua o preconceito linguístico que vem junto com o regional e o social. Nesse sentido, o/a docente cumpre um papel primordial nesse processo de abordagem de adaptação do material.

Os livros didáticos exercem uma função fundamental no processo de formação do aluno porque são compostos por conteúdos que ampliam os seus saberes. E nos livros de Língua Portuguesa não só deve acontecer essa ampliação, como também proporcionar a compressão sobre as diferentes variantes e suas realidades locais, para que o problema da discriminação social e preconceito da língua seja mais bem trabalhado em sala e essas práticas não ocorram. A esse respeito, Bortolozzo e Karim (2016) consideram que:

Os livros são constituintes na formação de cada indivíduo no decorrer de sua formação, e que sem eles passamos despercebidos de muitos saberes que às vezes só ele dispõe e possui. E é com comprometimento, empenho e esforço, que os livros de língua portuguesa transmitem/ensinam sobre a linguagem, para que as pessoas que vivem em comunidade/sociedade saibam as diferenciações de fala para que não ocorra a discriminação social, isto é, o preconceito linguístico. (BORTOLOZZO & KARIM, 2016, p. 118-119).

Se a realidade do manual for baseada apenas na língua padrão, isso seria o continuar da ideia de perpetuar uma variedade como a mais adequada do que as outras e que é a única a merecer a atenção no ambiente escolar. Isso esbarra na questão da diversidade cultural linguística que se encontra na escola, apontando diversas visões de ver/usar a língua no dia a dia. Por isso, pensamos ser necessário as outras variantes da língua não serem ignoradas nesse espaço de ensino.

Um manual didático que não contempla a realidade linguística do país, as necessidades da escola e do aluno, como permitir o professor aproveitar suas possibilidades para um ensino melhor e mais contextual desprovido de preconceitos sobre a variação, corre sérios riscos de não alcançar seus objetivos e nem cumprir seu real papel dentro da sala de aula, pois apresentará conceitos que levará pessoas a considerarem “certo” o padrão, e “errado” o que é usual no cotidiano do aluno, que tem respaldo na variedade do português local e não do padrão.

## **2.2 Variação linguística: A realidade atual do ensino da língua portuguesa em escolas de Angola**

Temos um número considerável de pessoas que tem o português como língua materna e como segunda língua, e no ensino, todos acabam usando o mesmo livro para o seu aprendizado. A influência que as línguas étnicas têm sobre o português não é levada para a sala de aula e muito menos discutida, debate que seria importante ocorrer, já que temos alunos que vão para a escola dominando o idioma regional e podem encontrar algumas dificuldades durante as aulas de português, bem como na interação com os demais colegas e professores.

E para minimizar essa dificuldade, é essencial que o docente procure respeitar a fala do aluno e possa ter uma prática pedagógica que ajude a cada discente fazer melhor uso da língua sem ter como modelo o “português de Portugal”.

A variação linguística no contexto dos países africanos de língua portuguesa ainda é um tema pouco abordado por especialistas da área de Linguística e por professores que ensinam a língua (TIMBANE, 2014), sendo pouco ou quase inexistente a sua discussão em sala de aula com os alunos, assim como a sua presença nos manuais didáticos de língua portuguesa, que ainda é muito superficial.

Entendemos por variação linguística a forma como uma determinada comunidade linguística se diferencia de outra, sistemática e coerentemente, tendo em conta os contextos sociais (TIMBANE, 2014). Estas características definem variedades de uma mesma língua. Além disso, é, também, um conjunto de manifestações linguísticas feitas por meio do uso dos indivíduos de uma mesma comunidade, que leva em conta a realidade da variedade do português local, sua língua étnica e seu contexto.

Dentro do espaço angolano, o português tem o estatuto de ser a única língua oficial do país (ZAU, 2011) adotada pelo Estado e convive com outras línguas do tronco bantu faladas em Angola, como o Umbundo, o Kimbundu, o Kikongo, entre outras. Mesmo não sendo trabalhadas em sala, elas estão presentes no dia a dia das pessoas, se manifestando de diversas maneiras nas várias regiões do território nacional em que se fala o idioma – a variedade do português angolano (VPA).

De acordo com Labov (2008) e conforme citado por Bortolozzo e Karim (2016, p. 122), “a língua é uma forma de comportamento social, pois comunica necessidades, ideais e emoções.”. Uma nação apresenta diversos traços de identificação, e a língua é um deles. Esta pode variar em certos fatores, tais como o tempo, espaço e nível cultural.

Timbane (2014) apresenta a classificação dos vários tipos de variação linguística que existem e os fatores extralinguísticos que ocorrem para o fenômeno da variação. A seguir, apresentamos esta classificação com base no autor.

Inicialmente, temos as variedades geográficas ou variação diatópica. As variações geográficas seriam aquelas que estão ligadas aos diferentes lugares onde a língua é falada. São as diferenças que uma mesma língua apresenta na dimensão do espaço, quando é falada em diferentes regiões de um mesmo país ou em diferentes países.

Existem termos que especificam as variedades locais: os brasileirismos, moçambicanismos, portuguesismos, entre outros, para indicar as especificidades do português falado no Brasil, Moçambique e Portugal, respectivamente.

Vocábulos como *soba* (autoridade tradicional), *quitanda* (feira; venda), *quifufutila* (sobremesa angolana), *muxiluanda* (natural/habitante da ilha de Luanda), *cacimbo* (época do inverno), *múcuca* (fruto comestível do embondeiro), *embondeiro* (árvore que produz múcuca), *pé de moleque* (doce angolano feito de *jinguba* - amendoim - torrada com açúcar), trazem em evidência a variedade do português de Angola.

A variação diamésica, por sua vez, centra-se na comparação entre a língua falada e a língua escrita. Na comunicação, a língua oral é a mais suscetível de expressar variações e, nela, os critérios de aceitabilidade social são mais elásticos.

A variação diafásica, também chamada/conhecida como variação estilística, refere-se à diferença na fala de jovens/adultos em todos os níveis. Há diferenças da fala segundo espaço (lugar) e tempo. A variação diafásica é uso individual da fala/escrita realizada com ou sem grau de monitoramento.

Variação diacrônica é a comparação das diferentes etapas da história de uma língua, quer dizer, aquela que se dá através do tempo comparando gerações. É através do estudo da variação diacrônica que percebemos que a língua que falamos hoje é resultado de longos anos e épocas diferentes.

Em muitos estudos, o estudo da variação e da mudança se faz com a observação da fala e de textos escritos antigos. Há que mostrar a relação entre fala e escrita na documentação do passado. A transmissão da cultura africana foi feita através da oralidade, sendo que houve perda de muitos traços linguísticos da antiguidade. Em outras palavras, podemos estudar a língua se baseando em fontes orais disponíveis, mesmo havendo sempre a necessidade de se investigar a confiabilidade da fonte.

O autor apresenta, ainda, alguns níveis de variação linguística e o modo como elas se manifestam no dia a dia. Em sintonia com sua abordagem teórica, observamos no manual

analisado alguns níveis de variação mais recorrentes na nossa análise realizada, como a lexical, regional e semântica, com destaque para termos ou expressões típicas da variedade do português angolano e de suas regiões, com forte influência das línguas étnicas. Aqui apresentaremos exemplos do nosso corpus para cada variação.

Sabe-se que a fala pode variar segundo a idade, o grau de escolaridade, as redes sociais, local de residência, etc. Destacamos a presença da locução pronominal “a gente” no material didático, que carrega valor semântico de “nós” (pronome pessoal do caso reto da primeira pessoa do plural) – sendo ela um tipo de variação morfológica que não segue a forma padrão apresentada no bloco gramatical do livro de português do sexto ano. Esses dois elementos gramaticais podem ser utilizados como sinônimos, já que são variados.

Mesmo existindo essa variedade, ainda é fortemente combatido o uso do “a gente” e não é visto com bons olhos dentro da sala de aula, já que a norma padrão considera o “nós” como pronome pessoal, mesmo sendo cada vez mais utilizado pela população o “a gente” no dia a dia e, conseqüentemente, levado para o ambiente escolar.

A variação semântica é o estudo das diferenças dos sentidos das palavras. Um mesmo referente pode ter várias palavras e uma palavra pode ter vários significados. A unidade lexical “matumbo” significa “indivíduo de modos considerados grosseiros, sem educação ou sem inteligência”. Também pode significar: 1. Cova para plantar mandioca ou qualquer outro tubérculo; 2. Elevação de terra entre sulcos.

A variação lexical ocorre quando para um único referente podem existir várias palavras. Por exemplo: as palavras “matumbo” “tacanho”, “bronco”, “burro”, “ignorante”, “estúpido” referem-se ao indivíduo boçal. Por outro lado, uma unidade lexical pode ter vários significados.

A variação estilístico-pragmática, por sua vez, é inerente às diferentes formas de falar entre diferentes idades (jovens x adultos), entre grupos sociais distintos ou entre áreas profissionais específicas. As gírias (calões) são exemplos desta categoria: aqui apresentamos o termo “malta”, que é comum entre os adolescentes para se referir ao grupo de amigos ou jovens de um determinado lugar que apresentam a mesma faixa etária.

Em suma, a variação consiste nas diferentes formas de expressar ou dizer a mesma coisa fazendo uso de várias formas linguísticas que façam sentido. Para isso, Bagno (2008) considera que:

As variações linguísticas, como a variante observada no contexto escolar, são resultados da variedade sociocultural baseados na sociolinguística variacionista posto que ela dispõe de fortes argumentos históricos, geográficos, sociais e

econômicos, portanto, reais e fluentes. Essa variante perde e ganha novos sons, novas estruturas com o passar dos anos, porém este fato não a deixa pobre, pois “a língua não é um bloco compacto, homogêneo, parado no 4 tempo e no espaço, mas sim um universo complexo, rico, dinâmico e heterogêneo”. (BAGNO, 2008. p. 136)

Para Bagno (2008), o ensino da Língua Portuguesa no Brasil não considera as variedades de cunho geográfico e social, além de que existem preconceitos em decorrência do valor social que é atribuído aos diferentes modos de falar; por isso ainda é muito comum reportar-se às variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas.

Essa realidade que o autor aborda sobre o contexto brasileiro relativamente ao ensino da língua podemos também enquadrar na realidade de Angola, porque a maneira como se dá esse ensino não permite que sejam levadas em conta as diversas variedades que estão presentes no país, como a regional, e principalmente, a social.

Ainda nesse contexto, convivemos com uma prática que deve ser levada para sala de aula, como discutir com os alunos para se combater isso tem a ver com a questão do preconceito que as pessoas sofrem em função da forma como falam os cidadãos da zona norte do país, que tendem a usar o R forte na sua pronúncia em palavras como “amarelo”, “cara”, “coral”, “para”; e o inverso costuma ocorrer como o uso do R fraco em palavras como “roubar”, “terra”, “terreno”, “agarrar”, “guerra”, etc. Isso acontece devido a influência do Kikongo para o português nessa região do país.

A situação do português na região sul do país também passou e passa pela influência de uma língua étnica, neste caso o Umbundo, que acaba sendo um traço marcante na fala das pessoas dessa área. Devido a essa influência, é comum ouvir em sua pronúncia a introdução da consoante *n* antes de palavras, como: dor, galinha, gatuno, dois.

Essa questão aqui apresentada tem levado à discriminação e preconceito social, cultural e linguístico dessas pessoas, principalmente quando se encontram na cidade capital do país (Luanda) e muitas vezes até em sala de aula existe esse preconceito para com o aluno e não só, e essa é uma questão que em Moçambique ocorre com alguma frequência na escola, segundo aponta Timbane (2014) ao apresentar acerca da situação do português em seu país.

O mesmo pesquisador enfatiza a necessidade de a escola não colocar de parte, neste caso, não abordar as diferenças sociolinguísticas dos alunos e considera o seguinte:

Contrariamente a essa ideia, a escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas e os alunos têm de estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa e que não podem desprezar nem ter preconceito para quem fala de forma diferente da sua. (TIMBANE, 2014. p. 273)

Neste contexto, o professor deve procurar formas de abordar criticamente a situação da variação linguística em sala, para que cada um compreenda a diversidade que a língua nos oferece e se evite rotular essas pessoas como “aqueles que cometem desvios linguísticos” e que o professor possa realçar que a língua varia de região para região e até nas classes sociais e nas idades. Este faz parte dos fatores da variação linguística apresentado por Labov (2008), no seu livro “Padrões Sociolinguísticos”, que foi traduzido por linguistas brasileiros(as).

Bagno (2007) retrata que a escola necessita livrar-se de alguns mitos, tais como: de que existe uma única forma “certa” de falar a qual se parece com a escrita e de que a escrita é o espelho da fala, e sendo assim, seria preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado.

Mitos como esse e outros ainda fazem parte da realidade do ensino de língua em Angola e muitos(as) professores(as) se apegam à norma europeia do português e levam para a sala sem se atentarem para o contexto do país, já que para muitos(as) chegam a defender e acreditar que a variedade de Portugal é a melhor dentre as variedades existentes. Assim, fica evidente o prestígio que dão a ela deixando de lado a variedade do seu território.

Um problema que não só Angola vive, mas também outros países africanos falantes da mesma língua, é em sala docentes exigirem que os alunos escrevam e falem conforme os portugueses e se esquecem ou ignoram a realidade linguística angolana para exigirem tal coisa.

No Brasil, as variações linguísticas constituem uma realidade, justamente por se perceber que cada região, composta por um grande número de indivíduos, possui várias formas de se expressar. Assim, o princípio geral é de que a Variação Linguística é inevitável em todas as línguas naturais humanas, sendo totalmente errôneo esperar que os falantes façam uso das mesmas regras ou componentes linguísticos para se expressar, pois dependendo da região, do contexto social, do nível de contato ou mesmo dos hábitos culturais adquiridos, as realizações linguísticas sempre serão diferenciadas entre um e outro grupo de falantes.

Para Carvalho (2011), o ensino de línguas tem vindo a ser uma questão bastante desafiadora desde os tempos idos para os profissionais da área, e novas pesquisas são necessárias para que se compreenda melhor esse fenômeno que precisa de adaptações e atualizações, tendo em atenção o contexto atual e as mudanças que vão surgindo na sociedade, principalmente em questões de variação linguística.

Para a autora, é preciso que sejam consideradas alguns conceitos importantes nesse processo do ensino, como: professor, aluno, material didático, método de ensino e ambiente de ensino. A nossa discussão nessa proposta de trabalho será em torno da análise do material

didático de Língua Portuguesa para investigação da variação da língua no manual, na situação do ensino de português nas escolas do país, uma vez que elas usam o mesmo material para o ensino da língua em todo território nacional.

A seguir, apresentamos os passos metodológicos para a realização desta pesquisa.

### **3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O nosso estudo se enquadra na área da Sociolinguística, que se predispõe a analisar a presença da variação linguística no livro de língua portuguesa do sexto ano usado em Angola.

A pesquisa é de uma abordagem qualitativa, de carácter bibliográfico e com consultas em artigos científicos, dissertações que abordam acerca da variação linguística e o uso do livro didático no ensino da língua, como de carácter indutivo para fazer uma análise crítica dos dados obtidos, para apresentar resultados e a conclusão a que chegamos sobre a análise do fenómeno investigado. Ela se caracteriza também como documental por se tratar da análise de livros didáticos.

O SEPE - Portal dos Serviços Electrónicos do Governo de Angola serviu-nos de suporte para a busca do livro da sexta classe, que nos permitiu fazer a leitura e o levantamento dos dados do nosso estudo. Nele também podem ser encontrados manuais didáticos do ensino primário do país de todas as disciplinas (1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup>, 4<sup>a</sup>, 5<sup>a</sup>, 6<sup>a</sup>).

Nesta proposta de trabalho, a nossa pesquisa tem a finalidade de investigar sobre a presença da variação linguística no livro didático de Língua Portuguesa do sexto ano de Angola usado em todas as escolas públicas do país. O livro “Língua Portuguesa 6<sup>a</sup> Classe” (Manual do Aluno), organizado por Helena Mesquita e Mariana Gama, de nacionalidades portuguesas, faz parte da atualização de novos materiais curriculares para o ensino, elaborados no ano 2018, para vigorar durante três anos no sistema educacional, bem como é mencionado numa das passagens do livro:

Com apresentação dos materiais curriculares actualizados para o triénio 2019-2021 enquanto se trabalha na adequação curricular da qual se espera a produção de novos currículos, reafirmamos a importância da educação escolar na vida como elemento preponderante no desenvolvimento sustentável. (LÍNGUA PORTUGUESA, 6<sup>a</sup> CLASSE, 2018.)

O material utilizado para a coleta dos dados referente ao corpus apresenta um total de cento e noventa e quatro páginas e está organizado em oito temas e um bloco gramatical, da seguinte maneira: 1. A Escola; 2. Inventos; 3. Indústria; 4. O Trabalho; 5. Fauna e Flora; 6.

Cultura e Turismo Nacional; 7. Poesia de Angola; 8. Contos Populares; e uma parte específica do Bloco Gramatical.

Como nos referimos antes, a produção de um livro traz consigo perspectivas ideológicas defendidas pelo(a) autor(a). Normalmente, pesquisadores que não conhecem a fundo o contexto linguístico do país para qual o livro será produzido acabam ignorando e as vezes não dão a atenção merecida, por isso, são excluídas, muitas vezes, dos manuais de ensino, aquilo que é usual na variedade do português daquele território.

As autoras citadas deixaram de contemplar questões muito importantes e explorar outros elementos presentes no manual relacionadas a variedade local de maneira concreta e contextualizando as ocorrências, que são comuns nela.

Aqui mostramos que o levantamento do corpus foi realizado a partir da observação e leitura completa do livro, analisando página por página no manual, coletando os principais dados de variações a fim de organizá-los em blocos de acordo a sua característica.

Adotamos o viés descritivo nesse estudo para descrever os elementos de variação linguística que observamos no livro em análise e como são abordados dentro do material. As informações coletadas no material serão analisadas partindo de uma abordagem qualitativa para discutir criticamente os dados obtidos, observando até que ponto constituem ou não variação linguística segundo o nosso entendimento. Quanto aos procedimentos metodológicos, aqui nos baseamos no indutivo para analisar o nosso objeto de estudo – a variação – e daí observar como ela se desenrola nos vários textos do livro e trazer resultados da nossa investigação acerca do fenômeno analisado.

#### **4. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO MANUAL DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DA SEXTA CLASSE DE ANGOLA**

Durante a nossa pesquisa para o levantamento de dados no livro didático de Língua Portuguesa da sexta classe de Angola (sexto ano do ensino fundamental), com intenção de observar a presença da variação linguística nos diversos textos e conteúdos que constituem o manual de ensino, encontramos elementos da variedade do português angolano que comprovam a ideia acerca da variação geográfica, que se refere à maneira diferenciada que cada território faz o uso da língua portuguesa, levando em consideração sua realidade e os vários fatores de influência sobre ela.

O nosso contexto linguístico é muito influenciado pelas línguas étnicas que o país tem e é falado pela população das diversas regiões, visto que muitos termos e expressões

provieram desses idiomas regionais, como o Kimbundu (soba, quitanda, mulemba, matumbo, múcua, ximbicar), o Umbundu, o Kikongo (maiombe, ximbicar, mani) e não só.

Importa dizer que a variação lexical é o tipo que aparece com maior frequência, que advém bastante da influência apresentada antes. Dentro delas, podemos observar variações de cunho regional em que o seu uso em determinadas regiões ocorre no cotidiano.

No material analisado, encontramos a presença da variação lexical. Ela se apresenta através de palavras típicas da nossa variedade do português que, geralmente, aparecem em listas de significados ou glossários ao final do texto. Como exemplo, citamos matumbo; cacimbo; quinda; quitanda; soba, que quer dizer responsável máximo da aldeia ou região – autoridade tradicional; sobado; embondeiro, que é uma árvore típica de Angola que produz múcua (fruto que pode ser aproveitado para se fazer suco) e é conhecido por baobá no Brasil; cabanas são casas pequenas encontradas em regiões do interior do país; cubatas subterrâneas.

As variações presentes no livro de língua portuguesa do sexto ano que conseguimos destacar durante o levantamento de dados aparecem em vários textos ao longo do manual, principalmente nos que discutem questões ou situações da realidade angolana, como a fauna e flora, cultura e turismo nacional, poesia de Angola e contos populares. Neles, observamos diversos tipos de variação, como lexical, geográfica/regional, semântica, entre as já mencionados anteriormente no decorrer da nossa explanação, neste artigo.

Outro tipo de variação presente é a de nível geográfico regional. Caracteriza-se pelas diferentes maneiras de fazer o uso da língua em cada país, como variações que diferenciam uma região da outra dentro do mesmo espaço territorial, seguindo já discutido no tópico teórico.

Dentro do manual podemos encontrar evidências claras sobre a variedade geográfica, especificamente na variedade do português angolano (VPA), e temos elementos que podem servir de exemplo, realçando algumas regiões acerca da variação que apresenta influência das línguas étnicas e que são próprias de um local específico, tais como:

- i) “A pesca é a profissão apaixonante do *Muxiluanda*”;
- ii) “As peças acessórias também são feitas pelos *Axiluanda*”;
- iii) “a *vara de ximbicar*, os remos – feitos com um pau e uma tábuia toscamente pregada –, o pau de direcção e uma vela”.

Os trechos acima estão presentes no texto “O pescador”. Na página seguinte, que trata sobre o Estudo do Texto, os autores do manual apresentam na questão três um elemento de variação que, no nosso entender, não foi devidamente explorado, já que se focaram nas

informações explícitas no texto para fazer esse questionamento, não abordando as palavras destacadas.

Pensamos que esse elemento seria mais bem abordado no estudo do texto em vez de questionar apenas sobre eles enquanto um povo que se encontram ou fazem parte de uma região específica; e seria interessante aproveitar para discutir acerca da sua origem, como também o tipo de variação a que se enquadra e qual variedade da língua portuguesa essa palavra pertence. O modo como é trabalhado nos parece ser muito limitado e superficial, visto que não permite ao aluno ampliar seu conhecimento acerca desses termos e do que realmente ela representa. Infelizmente, o discente fica apenas apegado às ideias que o texto traz, até porque não mereceu uma análise mais aprofundada na atividade do estudo e interpretação do texto.

Faraco (2015), chamava atenção pela maneira como a escola trata ou apresenta as variedades ou variações linguísticas, sendo tratada a partir do viés da pedagogia estruturalista que dá ênfase ao estudo formal da língua. No material didático em análise é visível notar essa preocupação de Faraco quando trabalha com o substantivo “Axiluanda” de maneira formalista sem adentrar na variação que essa palavra carrega.

É interessante que essas situações sejam abordadas no manual de forma mais abrangente, a fim de possibilitar um saber melhor por parte do aluno acerca dessas realidades que fogem da sala de aula no contexto angolano e nas diversas instituições de ensino espalhadas pelo país, mesmo com alguns estudos já desenvolvidos a respeito do assunto por vários(as) autores(as) do país.

Bagno (2007) também faz uma crítica acerca do ensino da Língua Portuguesa no Brasil por não dar a devida atenção às variedades de carácter geográfico e social, pelo fato dessas variedades não terem ou merecerem o mesmo prestígio que as outras e carrega em si o preconceito que está para além da língua.

Em Angola temos uma realidade ainda muito presente, atualmente, da discriminação do lugar de onde vem a pessoa, e isso afeta até na língua, já que a maneira de usar a língua varia em espaço do território, como de seus falantes muito por conta duma situação já levantada anteriormente por nós. E mesmo a própria escola ainda não dá o devido tratamento a essas variações, devido a prática da “pedagogia estruturalista” que o autor critica e por outras razões que podemos citar, como o tipo de formação docente, a ideologia do currículo usado e também a visão de língua do(a) professor(a).

Ainda sobre variação geográfica ou regional, observamos no texto “Uri, a serpente”, na pág. 131 do manual, exemplos desse nível de variação:

- (i) “*Numa terça-feira, o **mani**, acompanhado pelos seus súbditos, dirige-se a um campo que, na língua desta região, tem o nome de «Uri», porque o povo considera que aí existe, sob a forma de serpente, um espírito chamado «Uri»*”;

E no parágrafo a seguir do mesmo texto, aparece outro exemplo:

- (ii) “*No meio deste campo, deixam uma **moita** onde a serpente possa morar*”;

E no penúltimo parágrafo:

- (iii) “*Feita esta oração, acompanhem o **mani** a sua casa. Aí, todos juntos, bebem alegremente **marufo** e regressam em seguida às suas **cubatas***”.

Palavras como Mani – chefe da província do antigo reino do Congo; e moita – conjunto de plantas de pouca altura; os seus significados constam na lista de vocabulário na parte final da página citada acima. Para os outros termos, foi necessária uma consulta pelo dicionário online<sup>3</sup> – Dicionários Porto Editora – para achar sua significação, já que na lista de vocabulário não constam e muito menos na atividade se dá um espaço para discutirem esses elementos importantes para o aluno aprender.

No texto “Minha Avó” (p. 120), existem dois termos que se destacam no poema de Jorge Macedo e fazem parte daquilo que consideramos como variação lexical em relação às demais variedades do português:

“De panos pretos  
E **quinda**  
como é linda  
minha Avó.”  
(...)  
“vai trôpega à **quitanda**, levando  
o ensejo  
de repartir connosco  
o último suspiro de vida,  
a última gota de seu sangue.”

“Quinda” significa “cesto”; e “quitanda” uma pequena loja ou barraca de negócio. Estas duas palavras são originárias da língua Kimbundu, em que a primeira vem de *kinda*, *kuinda* = manufaturar em espiral. A segunda também vem do mesmo idioma, e quer dizer “feira”, “venda”. Na realidade brasileira, “quitanda” se refere a um pequeno estabelecimento onde se vendem frutas, legumes, ovos, etc., ou também tabuleiro onde o vendedor ambulante transporta as suas mercadorias. Ela é fruto da influência que o kimbundu provocou sobre a

---

<sup>3</sup> Porto Editora – *cacimbo* no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/cacimbo>

variedade do português brasileiro, tendo em conta o processo que culminou com a vinda desse povo para o Brasil na época da escravização.

Essas duas palavras que mencionamos no poema aparecem na lista de vocabulário no final do texto com seus respectivos significados, permitindo um conhecimento delas por parte dos(as) alunos(as), mas não tem um espaço para ser abordada em outro ângulo a fim do(a) menino(a) ampliar seu saber acerca da origem e aproveitar trabalhar uma atividade que envolva a variação linguística e o peso das línguas regionais na variedade do português falado em território nacional.

Entendemos que aqui o material deveria criar uma atividade com esse texto em volta dessas palavras e com esses elementos. Talvez essa pouca atenção e falta de abordagem abrangente e profunda sobre variações dentro do livro didático se deve ao pouco prestígio que as nossas línguas nativas têm no cenário escolar, visto que apenas o “português” é a única língua oficial em Angola adotada pelo Estado ZAU (2011).

É fundamental que se tenha um outro olhar, visto que a realidade linguística do país e seus contextos são bastante influenciados pelos idiomas falados nas diversas áreas, dando origem a uma variedade com características próprias e singulares que a distingue de outras, como a moçambicana, santomense, cabo verdiana, guineense, e muito mais.

Na última estrofe do texto “As horas do serão”, da página 121, temos a presença desses elementos que se associam com a variação regional:

“Depois, quando a lua descia para se  
esconder no Sombreiro,  
Todos, todos se juntavam  
Em redor da minha Avó.  
Havia **quifufutila**,  
Havia **pé de moleque**...  
E a Lua desaparecia  
No Casseque...”

Para mais detalhes desses termos, aparece abaixo da página uma lista com significação de cada uma delas que estão destacadas. A expressão *pé-de-moleque* no Brasil é caracterizada por variação de cunho regional (nordeste brasileiro), ela tem influência de uma das línguas de Angola, o Kimbundu, por sinal o idioma que mais empréstimos concedeu à língua portuguesa. *Quifufutila* tem origem no kimbundu (kifufutila), que significa “guloseima tradicional, à base de farinha de mandioca, açúcar, canela e amendoim moídos”.

No texto “O sapo e o coelho” (p. 128), observamos elementos típicos do léxico angolano que constituem variação lexical:

- i) *“O **soba** marcou para o dia seguinte a resolução do problema, enquanto mandava convocar todos os bichos da floresta. No dia seguinte, ia o Coelho a caminho do **sobado** para julgamento. O Sapo, vindo das **chanas**, sentia muito frio e expusera-se ao sol”.*

*Soba* significa “chefe de um grupo populacional de uma região ou aldeia”; já a segunda quer dizer “território governado por um *soba*”. *Chanas* se refere à grande planície desprovida de arvoredo e alagada na época das chuvas.

O parágrafo dois do texto “A múcua que baloiçava ao vento” (p. 135), apresenta mais alguns exemplos sobre o tipo de variação em análise:

- ii) *“As múcuas, que são os frutos do **imbondeiro**, baloiçavam ao sabor do vento. Pareciam balões presos por um fio, balões um pouco vazios, dançando nos dias de muito vento... não era uma dança de roda, nem sequer uma **quizomba**, era uma dança só delas, uma dança de baloiço...”.*

Temos aqui uma palavra que aparece em outro texto cuja escrita varia “imbondeiro” e “embondeiro”. Nesse texto, a palavra aparece escrita “imbondeiro” por três vezes em passagens diferentes da narrativa. *Múcua* – fruto do embondeiro; *kizomba* – ritmo africano, de origem angolana, normalmente marcado por uma batida bastante forte; *embondeiro* – árvore de tamanho gigante que produz múcua; *mulemba* – do kimbundo “escurecer”, é considerada árvore da realeza angolana, pois à sua sombra se reuniam os chefes das tribos. Estas palavras poderiam ser melhor abordadas em sua relação com a realidade angolana no manual e nas aulas de Língua Portuguesa.

Nos primeiros dois parágrafos do texto “Mercado” (p. 140), apresenta também alguns elementos de variação cujos significados são destacados no final:

- iii) *“Fundá estava em festa. E tudo festejava: o capim, as **mulembas**, os embondeiros, as bananeiras. Por que sacudiam a sua folhagem, se nessa manhã não havia vento”.*

E a seguir:

- iv) *“Dos carreiros que desciam das encostas, pelas bandas dos **musseques** e de Cabiri, mulheres e crianças, mães e filhas, com cestos empilhados de mandiocas, de castanhas de caju e de mangas, vinham correndo para não perderem a oportunidade de venda e do «**sivaya, sivaya**».”*

*Musseques* faz referência a bairros suburbanos de Luanda, ocupados por uma população com menos recursos; aqui no Brasil seria favela, bairros da periferia.

E na etapa final traz outros destaques de variação:

- v) *"Era na praça da Funda! Aqui, viam-se estendidos, no chão nu ou sobre serapilheiras: montinhos de tomate e de **tomate de quimbundo**, de batata doce, de mandioca, de quiabo, de milho fresco, de couve repolho, alface, cebolas, abóboras, limões e feixes de cana-de açúcar. Acolá, cestos com castanhas de caju, mangas, dendéns, feijão verde seco, **jinjilu**, **cacussos**, **missolos**, **bagres** e mais coisas."*

A expressão "Siyaya" e "Sivaya" – bendiz, bendiz (canto protestante); "tomate de quimbundo" significa tomate pequeno; "junjilu" é o nome de um fruto comestível; e as últimas palavras negritadas nesse trecho representam variedades de peixe.

#### 4.1. Análise crítica dos dados

Após apresentação, descrição e análise dos dados, aqui queremos considerar alguns aspectos, primeiro: durante o nosso estudo, observamos a presença da variação linguística no manual didático de língua portuguesa do sexto ano nos vários textos consultados e lidos no decorrer do levantamento de informações. Mas, aqui realçar que o fenômeno da variação linguística é muitas vezes deixado de lado no processo de elaboração do livro didático e é preciso não ignorar esse elemento que muito contribui para o desenvolvimento do aluno, aqui trazemos a citação de SILVA et al (2017):

Na maioria das vezes a questão das variações linguísticas é deixada de lado no processo de elaboração do livro didático, podendo até não estar presente de forma alguma, mesmo sabendo de sua importância. Visto que, diálogos como esses são indispensáveis para a formação de qualquer indivíduo como cidadão e formador de sua própria identidade, pois assim como o nosso país é necessário ter o conhecimento dos costumes e valores de um povo (SILVA, et al, 2017. p. 3).

O tipo de variação que aparece com maior frequência dentre as outras é a lexical, com uma percentagem superior. Destacamos, também, a presença de lista de palavras "vocabulário", que se observa no final de alguns textos que apresentam os significados de termos ou expressões referentes a variedade angolana usadas em muitas regiões do território nacional. A presença dessas listas comprova que tais palavras possuem significados próprios na VAP - Variedade do Português Angolano.

Das palavras encontradas, apenas "**Axiluanda**" aparece em uma atividade sobre o estudo do texto que apresentamos anteriormente quando nos debruçamos com mais detalhe no exercício. Ela não foi formulada na perspectiva da variação, nem tão pouco mereceu um espaço para uma discussão que fosse para além dos elementos contidos no texto, essa questão é colocada de modo tradicional cuja resposta estava explícita no texto como em muitas

atividades existentes no livro que não exploram outros elementos da língua e acabam se focando no estudo e análise formal.

A esse respeito, Faraco (2015) e Bagno (2007) criticam essa exclusão do ensino da variação em sala e da prática pedagógica formalista, existente nas escolas de ensino. Angola não foge à regra nesse quesito porque se debate muito com um ensino bastante tradicionalista a nível do país. Lussevicieno (2015) chama atenção para o desprendimento do ensino tradicional e de uma única direção que tem sido dada para o ensino de língua. Bernardo (2017) afirma que “o ensino da língua em Angola baseado no normativismo, fixado à gramática tradicional do PE, não espelha a realidade linguística angolana”.

É essencial que sejam levados para a sala de aula conhecimentos linguísticos mais contextuais e uma prática pedagógica que olhe para a realidade sociolinguística do espaço e não ignore a diversidade linguística que existe naquele lugar. Esse saber poderá contribuir muito para o ensino de língua e organização de atividades que auxiliem no melhor uso do idioma e no respeito que deve ser dado às pessoas que têm uma variedade distinta.

Em nenhuma etapa do livro é apresentada uma abordagem concreta sobre variação linguística, suas características e seus tipos, e muito menos o material trata deste tópico acerca de quais variações podemos encontrar em Angola. No bloco gramatical, é apresentada variação, mas sem detalhamento do que se entende por ela, já que a variação gramatical é a que fica evidente no tópico sobre morfologia das palavras, como: os substantivos, os verbos, os pronomes, artigos, adjetivos, advérbios e numerais.

Como considerou Bernardo (2017) a respeito do ensino da língua do país, este ainda está voltado à norma associada à gramática do português europeu. É preciso realçar a necessidade de olharem para outros aspectos da língua e do contexto multilíngue do território e não se focarem apenas na gramática tradicional pelo fato desse material tratar muito mais questões da língua padrão.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A variação linguística é um elemento da Sociolinguística sempre em todas as línguas naturais que têm vida no mundo, e a língua portuguesa não é exceção, dentro dela encontramos variedades que caracterizam geograficamente os espaços em que o idioma é falado. A variedade do português angolano estabelece relação com as línguas nativas/étnicas nas várias regiões do país, como o Umbundo, Kimbundo e o Kikongo, que desempenham

forte influência sobre ela e na variedade típica do território, diferenciando-se de outros territórios.

Este trabalho pretendeu realizar investigação que nos permitiu observar no livro didático, de maneira crítica, o fenômeno da variação, que se apresenta no manual de diversas formas nos conteúdos que constituem o livro, procurando enfatizar os aspectos do vocabulário da variedade angolana que se enquadram na variação. A maneira como são apresentadas e abordadas neste livro acaba sendo muito limitada, já que não trazem informações precisas sobre a origem desses elementos, como da variedade a que fazem parte. Consideramos essencial uma atenção cuidadosa em relação à variação na elaboração do manual, para se desprender de alguns mitos que ainda persistem na língua e da exclusão desse fenômeno que diariamente convivemos com ela.

O ambiente escolar é um lugar favorável para a transmissão e partilha de conhecimento, para isso, o léxico da língua deve ser ensinado de maneira objetiva, ressaltando a realidade do país, como considera Timbane (2014, p. 274-275). Essa posição pode ser útil para o contexto angolano, visto que muitas vezes os alunos tendem a corrigir certas construções fráscas comuns da sua região referentes a nossa variedade, tendo como modelo a variedade do Português Europeu (PE).

Entendemos que esses saberes precisam ser levados para os alunos a fim de conhecerem melhor sua variedade da língua, que já é usada no dia a dia das pessoas em vários contextos. Esses usos são frequentes na realidade angolana em que os(as) meninos(as) levam para a escola e vão interagindo entre colegas, usando palavras do português local que chegam a ser corrigidas por docentes como sendo “inapropriadas”, “incorretas” dentro da sala. Sendo a escola um lugar de troca, ela possibilitaria ao professor uma outra visão sobre os usos linguísticos, procurando assim passar o conteúdo e o conhecimento em sala de maneira mais simples, usando uma linguagem mais próxima do(a) aluno(a) para se sentir integrado. Isto porque existe uma identificação do(a) aluno(a) com o uso do professor que torna representativo naquele ambiente sem se apegar na língua padrão.

Que a educação em Angola tenha cada vez mais o comprometimento e se empenhe em possibilitar ao aluno conhecer de forma profunda sua variedade do português e as diversas variações linguísticas existentes em território nacional. Que os professores de Língua Portuguesa possam levar, introduzir em suas aulas o léxico da variedade angolana explicando a todos(as) que ela não é inferior à variedade portuguesa ou outra qualquer variedade do português no mundo, tais com a brasileira, moçambicana, são tomense, guineense e caboverdiana. A variedade angolana é única, com uma riqueza tremenda no seu léxico e

apresenta suas características próprias que os difere de outras variedades, necessita de ser bastante valorizada e trabalhada nas escolas do país.

Uma pesquisa nunca está fechada ou acabada, portanto novos estudos necessitam surgir para trazerem mais discussões que contribuam para construção de outros saberes e de visões acerca da temática abordada aqui, sendo assim, pensamos em propor pesquisas voltadas para o prestígio da variedade portuguesa sobre a variedade angolana e suas implicações no ensino da língua; propostas de produção de material didático que considere o contexto multilíngue; a ausência de conteúdos da variedade angolana nos manuais de ensino e na sala de aula; e é importante se olhar para a formação docente e como é trabalhada a variação linguística, papel que desempenha na sua formação e na do aluno.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Nada na Língua é por Acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola editorial, 2007.

\_\_\_\_\_. **Preconceito Linguístico**. Revista Presença Pedagógica, 2008.

BANDEIRA, Jessica do Rosario. **Diversidade Linguística na Lusofonia: o Ensino de Português em São Tomé e Príncipe**. 2018. 24 f. Artigo (Graduação) - Curso de Bacharelado em Humanidades, Instituto de Humanidades - Ih, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2018.

BERNARDO, E. P. J. Norma e Variação Linguística: implicações no Ensino da Língua Portuguesa em Angola. **Revista Internacional Em Língua Portuguesa**, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.31492/2184-2043.RILP2017.32/pp.39-54>>.

BORTOLOZZO, R. S.; MACEDO-KARIM, J. A variação linguística no livro didático de língua portuguesa: um olhar perante a concepção sociolinguística. **Revista De Estudos Acadêmicos De Letras**, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.30681/real.v9i01.1441>>.

CARVALHO, Gislene Lima. **Unidades Fraseológicas no ensino do português língua estrangeira - os últimos serão os primeiros**. 2011.

ANGOLA. Decreto presidencial, Lei nº 311/14 de 24 de Novembro. Lei Aprovada do Estatuto Orgânico do Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento da Educação. Diário da República, I Série, nº 208, 2014.

DICIONÁRIO INFOPÉDIA DA LÍNGUA PORTUGUESA [em linha]. Porto: **Porto Editora**. Disponível em <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/cacimbo>>.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Marta Scherree Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LUSSEVICUENO, Inocêncio Alberto. **Concepção de linguagem em livros didáticos de língua portuguesa para o ensino infantil na escola angolana**. 2014. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo: São Paulo, SP, 2014.

MANUAIS ESCOLARES. **SEPE** - Portal dos Serviços Públicos Electrónicos do Governo de Angola. Disponível em: <<https://www.sepe.gov.ao/ao/catalogo/eloja/manuais-escolares/>>.

MESQUITA, Helena. GAMA, Mariana Gama. **Língua Portuguesa** 6.<sup>a</sup> Classe, Manual Escolar. 1. Ed. Luanda. Editora Moderna, 2018.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Guia de livros didáticos**, PNLD, Língua portuguesa, 2008. Disponível em: <[ftp://ftp.fnde.gov.br/web/livro\\_didatico/guias\\_pnld\\_2008\\_linguaportuguesa.pdf](ftp://ftp.fnde.gov.br/web/livro_didatico/guias_pnld_2008_linguaportuguesa.pdf)>

SANTOS, R. L. A. A metodologia da pesquisa em sociolinguística variacionista. **Revista Espaço Acadêmico**, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/7098>>.

SILVA, Márcia Cosma De Souza et al. Livro didático x variação linguística. **Realize Editora**, Campina Grande, 2017. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/37376>>.

TIMBANE, A. A. A Variação Linguística do Português Moçambicano: uma análise Sociolinguística da Variedade em Uso. **Revista Internacional Em Língua Portuguesa**, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.31492/2184-2043.RILP2017.32/pp.19-38>>.

ZAU, Domingos Gabriel Dele. **A língua portuguesa em Angola**: um contributo para o estudo da sua nacionalização. Covilhã: Editora Universidade da Beira Interior, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.6/1844>>.

ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto (Org). **Pedagogia da variação linguística**: língua, diversidade e ensino. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.